



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

INAUGURAÇÃO DO FÓRUM SARNEY COSTA, NO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO MARANHÃO *

São Luís, MA
4 de setembro

Todos aqui presentes podem avaliar a emoção com que presido esta solenidade. Posso dizer mesmo, a comoção com que presido esta solenidade.

Pela manhã, tive oportunidade de dizer que o destino me fez presidir a instalação da Justiça Federal do Maranhão e me fez presidir a inauguração do prédio que hoje marca a presença das novas instalações da Justiça Federal em nosso Estado. Naquela oportunidade, ouvimos as palavras, profundas palavras para meditação, do presidente do Tribunal Federal de Recursos, ministro Evandro Gueiros Leite. Também as palavras do doutor Alberto Tavares Vieira da Silva, que com tanta dedicação, como juiz federal mais antigo do estado, preside hoje a Justiça Federal do Maranhão.

Agora, aqui estou para inaugurar este fórum, que tem o nome do desembargador Sarney Costa. Minha primeira palavra é de profunda gratidão ao desembargador Joaquim Filgueiras, que teve a bondade e a generosidade de propor ao Tribunal o nome do desembargador Sarney Costa para este templo. Agradecer a todos os membros do tribunal que acolheram essa sugestão, e ao senhor governador do Estado, que ajudou para que esta obra fosse concluída e que a justiça tivesse estas instalações, que naturalmente irão melhorar as suas condições de trabalho e também melhorar as condições não só dos que trabalham na justiça, como também aqueles que demandam a ação da justiça.

* Improvisado.

Eu acredito que esta homenagem, de dar o nome do desembargador Sarney Costa para este fórum, seja não uma homenagem pessoal a ele, mas, sem dúvida, a todos aqueles que serviram à justiça no Maranhão, da maneira como ele serviu, com integridade, com sacrifício, com grandeza e, ao mesmo tempo, transmitindo aos seus filhos os exemplos maiores que ele soube transmitir. Homenagem ao juiz anônimo do interior, homenagem ao juiz civilizador, como foram e são todos os magistrados que têm a função de distribuir justiça nessas regiões tão longínquas e difíceis do nosso País.

Meu pai passou 23 anos no interior. Promotor, juiz de paz, juiz de direito, depois procurador, desembargador, vice-presidente e presidente de tribunais.

Foi promotor e juiz em muitos municípios do nosso estado. Em 1927, ele era juiz em Cajapió. Depois, promotor em São Bento. Em 30, estava em Pinheiro, onde eu nasci. Voltava a São Bento. Foi depois transferido para Coroatá, Codó, Caxias, Icatu, onde foi juiz, e Alcântara. E um dia, nos anos do Estado Novo, recebeu uma determinação do interventor para que, numa questão que fora movida contra o Estado, ele proferisse uma sentença a favor do Estado. Simplesmente a sua consciência de juiz, no tempo de autoritarismo e da ausência total do Estado de Direito, ele colocou à prova a sua carreira, a sua família, tudo aquilo que poderia ser o seu bem-estar social, para cumprir com o seu dever de juiz.

Custou-lhe uma transferência para o então lugar mais longínquo do Maranhão, Santo Antônio de Balsas. Na suposição de que ele não iria para Santo Antônio de Balsas, onde era muito difícil chegar naquele tempo, de Coroatá a Santo Antônio de Balsas.

E lá vai o juiz, o promotor do interior, juiz, com os filhos, a família, atravessando em animais, porque não existiam estradas, até o fim do Estado do Maranhão. E lá seus filhos precisavam entrar para o colégio, para o ginásio.

E ele tinha a convicção de que a educação, o saber era a coisa mais importante. Ele era um apóstolo diário e enaltecedor das necessidades que se tinha para que se pudesse

dominar o saber. E como ele não tinha recursos para que nós pudéssemos vir, eu e meu irmão, fazer o curso de admissão, a única coisa que ele tinha, pobre juiz do interior, era uma pequena máquina de escrever. Vendeu esta máquina e pagou a nossa passagem e a matrícula no colégio.

Levamos 28 dias para chegar a São Luís. Saímos numa balsa, de Santo Antônio de Balsas, que descia o rio ao sabor da correnteza. Em Uruçuí, o seu filho José, que hoje preside esta solenidade, contraiu uma febre, que não se sabia o que era, e não tinha recursos médicos. A única solução foi pararmos a balsa para que ele fosse internado em Uruçuí.

Mas Deus quis que passássemos oito dias ali e que hoje eu estivesse aqui.

Fomos para Teresina, e de Teresina pegamos o trem e depois chegávamos a São Luís.

Conto isto por dois motivos: para dizer que no nome do desembargador Sarney Costa, neste fórum está homenageado não o desembargador Sarney Costa, pai do presidente da República, mas um juiz, esse juiz anônimo, sofredor e civilizador do interior do Brasil. Falo desses servidores da Justiça, que plantaram colégios no interior, como professores, ajudando onde eles estavam, pois mais do que a função de julgar sua função duma presença muito maior que era sempre a presença do promotor e do juiz em cada lugar longínquo do interior do Maranhão.

Portanto, eu quero despir esta solenidade desse dado pessoal referente ao pai do Presidente da República, para dizer que a homenagem é a figura do magistrado, que teve toda essa longa carreira de sofrimento e de sacrifícios, chegando os seus filhos à Capital, já quando eles estavam em tempo de começar os seus estudos.

Minha vida tem duas vertentes, sempre disse isso, que foi a vertente da política e a vertente da literatura. Mas na vertente da política eu descubro primeiro a luta contra a injustiça, que foi a primeira à que eu assisti na revolta contra a perseguição que foi efetuada contra o meu pai, por ele servir à sua consciência de juiz. Não se esquece o filho do juiz do interior de ouvir as partes, a gente mais pobre

demandando o direito. Ele assistia àquela insondável estrada dos que estão sedentos de justiça.

E os filhos dos magistrados que aqui estão presentes devem estar lembrados do que eles ficam ali ouvindo e marcando a sua personalidade, olhando não o lado da vida mais generoso, mas sobretudo o lado da vida em que se vêem os mais necessitados, os mais pobres e os injustiçados. E a vertente da literatura, que também não seria possível, se eu não tivesse no acervo do meu universo interior a vida que passei peregrinando pelo Maranhão inteiro, vendo os costumes, as pessoas, os lugares. E essas duas vertentes se conjugaram na figura extraordinária do meu pai. Eu posso até repetir: *Causa fuit pater et illius*. Se alguma coisa sou, lá na origem está, sem dúvida, a sua figura. E seus ensinamentos, a sua obstinação pela necessidade de que a formação intelectual era tudo o que se tinha que fazer.

Lembro-me bem que um dia eu comecei a escrever, muito cedo e ele chegou e me disse: «Se você quer aprender a escrever, leia *O Estadista do Império*, porque é o que tem de melhor, porque o livro que eu li e que é melhor escrito é *O Estadista do Império*, do Nabuco. Frases concisas, períodos curtos, precisão de definições».

Aprendi aquilo, eu era bem novo, li a primeira vez *O Estadista do Império* e depois perguntei:

«Meu pai, e agora, o que que eu devo ler de novo, o que o senhor acha que seja importante para se saber escrever?» E ele disse:

— Leia de novo *O Estadista do Império*.

E até hoje eu contraí o hábito de sempre ler aquele livro que eu acho que é realmente um livro extremamente bem escrito.

Outro ensinamento foi quando uma vez ele me disse: «Pai todos nós temos, mas amigos não é fácil que se tenha. Eu quero que os meus filhos sejam meus filhos e meus amigos.»

E durante a sua vida nós fomos seus filhos e fomos seus amigos.

Eu trouxe o discurso escrito para ler hoje nesta solenidade. Não estou lendo esse discurso.

Mas, ao relembrar, nessas pinceladas, a figura do desembargador Sarney o que estou querendo fazer é prestar uma homenagem à magistratura do Maranhão, ao Ministério Público do Maranhão e a todos aqueles que serviram, servem e servirão à justiça do nosso estado. O Tribunal de Justiça também a que estou ligado pelo destino.

Fui escrivão do Tribunal de Justiça, aos 18 anos de idade. Fiz carreira na Secretaria do Tribunal de Justiça. Fui escrivão, oficial judiciário, diretor da Secretaria do Tribunal. E essas ligações todas me fazem ter, neste instante, uma carga muito grande de sentimentos que extrapolam os deveres do Presidente da República.

Eu tenho sido tantas vezes chamado de provinciano, que eu não posso deixar de ser provinciano neste momento.

O Tribunal de Justiça do Maranhão, que teve tantas figuras eminentes: Viveiros de Castro, o Barão do Pindaré, José Ascêncio da Costa Ferreira, juizes excepcionais, homens que tiveram projeção no Estado e no País. Está aqui no auditório um grande historiador da justiça do Maranhão, Nilson Coutinho, que teve a oportunidade de escrever a história da justiça do Maranhão, onde ele, como um grande estudioso, faz o levantamento dos grandes homens que passaram pela justiça do nosso Estado.

Minha gratidão, portanto, ao Tribunal de Justiça, pela oportunidade que me deu de presidir a inauguração deste fórum. E mais do que isso, de ver o nome do meu pai como um exemplo do juiz sofredor, do juiz civilizador e do juiz que, através do sacrifício e da sua consciência, reafirma na sua finão as maiores virtudes morais que devem presidir a vida de cada magistrado.